

# ALVORADA


REVISTA DE LETRAS

REDACTORES:


JONATHAS BAPTISTA  
ANTONIO CHAVES  
PEDRO BORGES  
CELSO PINHEIRO  
ZITO BAPTISTA.

THERESINA—PIAUHY

COLLABORADORES:



Hygino Cunha  
Clodoaldo Freitas  
João Pinheiro  
Arimathéa Tito  
Luiz Carvalho  
M. Lopes C. Lima  
Leoncio do Rêgo  
Simplicio Mendes  
Maria Amelia Rubim  
Pedro Campos Filho



Baurelio Mangabeira  
A. Simões Barbosa  
Ressú Leal  
Eudoxio Neves  
Edison Cunha  
Alba Valdez  
Ascendino Argolo  
Antonietta Clotilde  
Joel d'Oliveira  
M. Saraaiva de Lemos



# ALVORADA

Revista de letras

Anno I	THERESINA	—15—setembro—09.—	PIAUHY	Num. 5
--------	-----------	-------------------	--------	--------

## Informações

A *Alvorada* apparece nos dias 15 e 30 de cada mez e não publica materia paga si-  
não nas paginas reservadas aos annuncios.

A *Alvorada* assigna-se:

Por mez—capital—1\$000. Tres mezes—fóra—3\$500. Numero avulso—\$500.

### PAGAMENTO ADIANTADO

Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida a Jonathas Baptista, redactor-  
secretario—rua Dr. Alvaro Mendes—num.—59.

*Endereço telegraphico—Alvorada.*

A redacção não se responsabiliza pelas idéas defendidas nesta revista pelos seus  
collaboradores.

Acceptam-se annuncios, mediante previo ajuste e pagos adiantadamente.

ALVORADA

## Congressos e conferencias

**D**EPOIS das exposi-  
ções, são factos  
muito caracteristi-  
cos da civilização  
moderna os con-  
gressos e conferencias, que não são  
mais do que especies do mesmo ge-  
nero. As exposições dizem mais par-  
ticularmente com os productos in-  
dustriaes e artisticos. São as gran-  
des feiras nacionaes ou mundiaes,  
em que os povos dão balanço ás  
suas energias productoras no la-  
bor quotidiano das fabricas, das  
officinas e dos *ateliers*. Chamam as-  
sim a attenção dos seus emuloz, ca-

nalizam os capitaes, os braços e os  
consumidores; inauguram merca-  
dos ou escoadoiros ás suas merca-  
dorias; estreitam as relações entre  
si, concorrendo para firmar em ba-  
ses seguras a solidariedade huma-  
na. Nem todos são aptos para tu-  
do. Cada povo, em cada clima, re-  
gião ou latitude, tem capacidades  
communs com outros ou especiaes  
e exclusivas. O trigo, o café, a can-  
na de assucar, a seringueira, a vi-  
nha e o gado não se dão bem em  
toda a parte.

Por isso a divisão do trabalho,  
especializando e aperfeioan lo as  
funções, é uma lei economica, não  
sómente no dominio de cada indus-  
tria individual, mas tambem no vas-

to emporio universal, fazendo com que uma nação não se basto a si mesma, porem vivam todas na dependencia umas das outras. Uma crise na safra do algodão na America do Norte repercute no mundo inteiro; uma guerra no Extremo Oriente torna-se um acontecimento para todos, belligerantes ou neutros, em todos os pontos do planeta. O telegrapho, os balões e a imprensa encarregam-se de vehicular os factos sociaes, fazendo da terra a patria commum do genero humano. O estrangeiro deixou de ser o inimigo ou o barbaro como o era na antiguidade oriental ou classica.

Roma formulou esta maxima cruel: *Homo homini ignoto est lupus*, com que dominou o mundo.

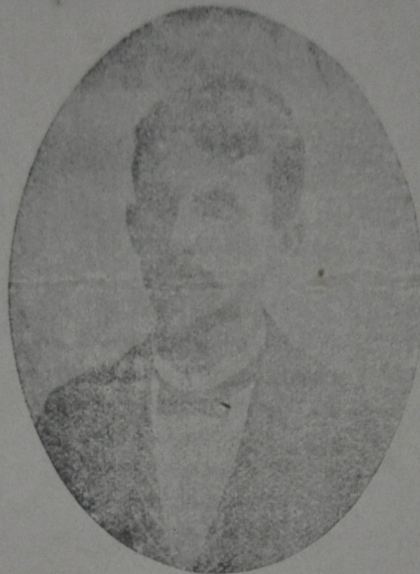
Deslocam-se todos os dias, pacificamente, grandes moles humanas em busca de outros territorios, desbravando selvas, navegando rios, perfurando montanhas, fertilizando o solo, communicando idéas, cruzando raças, construindo cidades, arrastando tudo na caudal do progresso. E' a face luminosa da civilização; o reverso obscuro é triste, mas não desconsolador. O crime, a prostituição, a miseria, a peste e a guerra continuam a flagellar a humanidade, que nem por isso abandonou ainda o idéal supremo da felicidade, da paz universal, da concordia e do amor.

Entre as manifestações fraternizadoras e beneficicas surgem os congressos e conferencias—scientificos, religiosos, maçonicos, literarios, philanthropicos, etc., congregando os cidadãos de um mesmo paiz ou os campeões de paizes differentes, no mesmo afã de melhorar a sorte humana, produzindo maior somma de bem-estar.

Os congressos operarios vizam as reivindicações das classes trabalhadoras, exploradas pelos detentores do capital, fructo do trabalho daquelles, accumulado por estes;

clamam por justiça na distribuição da riqueza, visto como a caridade christã mostra-se impotente para conter a ganancia insaciavel dos poderosos; abalam os alicerces da sociedade e realizam refórmas importantes. Até as mulheres, escravas nos tempos selvagens, sempre em posição subalterna em Athenas, Roma e na idade media, victimas ainda hoje da exploração capitalista nas grandes fabricas manufactoras, ou nos prostibulos, já se fazem ouvir na imprensa, nas conferencias publicas e nos congressos femininos. Quando falamos em conferencias, não nos referimos sómente a discurso, preleção em publico ou perante um certo numero de pessoas, sobre assumpto literario ou politico; mas principalmente a reunião de pessoas para discutirem um assumpto importante, e particularmente de delegados de differentes paizes com o fim de tratarem questão de interesse internacional. (Aulette) Neste sentido é que se diz a conferencia de Haya; é, pois, um termo synonymo de congresso. A cidade do Rio, depois dos grandes melhoramentos realizados pelos seus ultimos governos, tornou-se um grande centro escolhido para essas pomposas e sabias reuniões. Congresso pan-americano, congresso da liga contra a tuberculose, congresso medico e de hygiene, congresso catholico; congresso maçonico têm chamado, a attenção do mundo para a deslumbrante capital da Republica brasileira. E' uma feição nova que assume a nossa patria no banquete da civilização. Não vivemos mais enclausurados no recinto das nossas riquezas naturaes mal exploradas.

As nossas vias-ferreas vão-se estendendo numa rede grandiosa; a marinha mercante e a de guerra tomam proporções arrojadas; os novos descobrimentos scientificos



## DOLORES

Meu coração agora se parece  
—miserrimo solar abandonado,  
ermo de luz, de sombras povoado,  
covil de môchos, quando a noite desce.

Já de minh'alma a casta flôr languêce  
como se fôra um goivo mutilado;  
tudo é dor em meu peito desolado,  
amaro tedio a vida me entorpece.

Enferma geme a minha cara esp'rança:  
não ha risos p'ra mim, tudo é tristonho,  
tudo entraja a dolente côr de um lyrio...

O' loira Dulce, ó iris da alliança,  
deixai que eu gose um derradeiro sonho  
e roubai-me ao Vesuvio do martyrio.

*Phocion Caldas.*

( Do — *Turris Davidica* —  
medito )

ou industriaes tambem já cabem em partilha a brasileiros; as letras e as artes prosperam a olhos vistos; os homens celebres da Europa e dos Estados-Unidos já não temem a febre amarella e visitam o Brasil, encantados com a nossa cultura e com a nossa hospitalidade. Mas tudo isto só diz com o sul—da Bahia ao Rio Grande, passando por Minas. O Norte, como bem disse o illustre dr. Agesilau Pereira da Silva, não entra em linha de conta, nem mesmo é tomado a serio. Tenhamos a coragem de clamar bem alto, para que possamos ser ouvidos. O actual governador do Piauhy deu a nota em sua mensagem á Camara Legislativa, e contamos com o seu valioso concurso para a obra do engrandecimento do Estado. *Clama, ne cesses.*

H. C.

## CHRONICA

Está em Lisboa o grande poeta Guerra Junqueiro. O autor da «Patria», «Os Simples» e da «Velhice do Padre Eterno» vai passar alguns dias ao Estoril a restabelecer a sua saúde e após concluir o seu novo livro «Philosophia», virá ao Brasil, onde realizará quatro conferencias sobre «Artes», «Religião», «Sciencia» e «Sociologia».

(Da FOLHA DO NORTE, do Pará)



AI finalmente, ter o Brasil a suprema honradez hospedar, em breve, o grande sabio portuguez, o divince tão querido Guerra Junqueiro, cujo nome vale pela mais brilhante auréola de intelligencia e de saber.

Velho já, pois o mavioso cantor d'«Os Simples» deve ter os seus cincoenta e tantos annos de vida, mais ou menos, com tudo, elle ainda não é um decadente e muito menos

um vencido. E, para prova, temos os seus ultimos trabalhos—«Orações»—, onde elle continúa a ser, sinão o mesmo implacavel autor da «Velhice do Padre Eterno», da «Morte de D. João» e outras, obras, pelo menos ainda mais apurado no gosto, mais impecavel na forma e sempre sincero no modo de dizer ou melhor de exprimir os seus mais elevados pensamentos.

Republicano infatigavel, numa terra onde ainda domina o regimen monarchico, com todas as suas arbitrariedades, com todos os seus absurdos, elle já mais foi um cobarde na defensiva das suas idéas e dos seus principios. E, si neste velho mundo de imperfeições, houvesse alguem que merecesse, com justiça o epitheto de perfeito, sem falhas e sem desvios, certo, eu me não recusaria em dar esse qualificativo ao dôce burilador da «Musa em Férias.» Sim, porque as suas obras são attestados vivos da sua conducta nas letras, do seu procedimento litterario. Elle tem seguido sempre, com a calma dos conscienciosos e dos justos, a recta que a si mesmo traçou desde os seus tempos de academia.

Mas... pretender dizer alguma coisa sobre Guerra Junqueiro, o maior genio do velho Portugal contemporaneo, seria o mesmo que pretender vaiar um trovão com um assobio, seria o mesmo que offerer uma gotta d'agua ao oceano, como elle proprio dissèra uma vez, num requinte de sublime modestia, referindo-se a Victor Hugo.

O autor destas linhas não cõra em affirmar mesmo que é um suspeito para falar do grande poeta, o querido mestre que sempre teve para com o Brasil as mais affectuosas palavras, as phrases mais carinhosas, porque o que por elle sente (como me orgulho em confessar!) não é sómente admiração, amor e respeito—è mais, muito mais, por-

que è uma especie de sublime fanatismo, onde a admiração subiu ao seu ultimo grão.

Sim, eu não córo em affirmá-lo, como não coraria em beijar de joelhos a veneranda mão de um dos mais sublimes poétas do passado e do presente seculo.

Guerra Junqueiro vem ao Brasil! E sabes tú, por acaso, leitor amigo, o quanto valem, para todo o brasileiro que aprendeu a balbuciar as vinte e cinco letras do alphabeto, estas simples e tão rapidas palavras? Ah! sabes, por certo. E eu, na impossibilidade de traduzir aqui tudo o que nellas existe de bello, alviçareiro, de animador, de delirante mesmo, limito-me a repetir — Guerra Junqueiro vem ao Brasil!...

Muito em breve, a velha e gloriosa S. Sebastião, na mais intima e encantadora das festas, porque as festas aos homens de talento são sempre intimas e sem preconceitos, receberá, cheia de orgúlho e justa satisfação, mais uma visita que será contada em o numero das suas inumeras glorias. Mas, que pena!... Pobre de nós, leitor amigo!...

Vivemos tão isolados do mundo, tão afastados do resto da humanidade, que nem si quer poderemos gozar o prazer de ver de perto a physionomia severa e ao mesmo tempo meiga do grande escriptor portuguez. Que pena!...

Não nos entristecemos, porém, com isto. Filhos do Brasil, nós temos tambem o dever (muito embora os homens do sul, na sua maioria, pensem de outra fôrma) de compartilhar das suas tristezas e das suas alegrias. A visita de Guerra Junqueiro é uma gloria para todo o Brasil e, por tanto, para todos nós.

Eu, por mim, sinto-me feliz e satisfeito com tamanha honra. E para terminar, repito ainda o q' me não cançaria de repetir sempre — Guerra Junqueiro vem ao Brasil.

J. B.

## Cantilena

Como lembrança de amor,  
Guardo, com muito desvello,  
(Joa de estranho valor)  
A fita do teu cabelo. . .

Nosso passado risonho  
Posso, de nova, revel o,  
Reijando, como num sonho,  
A fita do teu cabelo. . .

Contra o demonio do tedio  
— Meu terrível pesadelo,  
E' o mais divino remedio  
A fita do teu cabelo. . .

Tenho-a junto ao coração,  
Tenho-a, sim, com muito zelo;  
Vale mais que uma illusão  
A fita do teu cabelo. . .

Meu doce lyrio adorado  
(Porque não devo dizel-o?),  
Fala de nosso noivado  
A fita do teu cabelo. . .

5-9-09.

Zito Baptista.

## Num postal

em fôrma de coração, que apresentava os symbolos das virtudes theologaes.



quadro deste postal è dos que provocam uma palpação muito viva de sentimentos e suggerem uma lembrança muito perfeita de felicidade. Desenha-se-nos, com effeito, um coração brindado por tres forças soberanas, tres vinculos profundos, tres symbolos victoriosos!

E' uma trindade de supremacia manifesta. A fè é uma virtude maravilhosa; quando verdadeira, vence os obstaculos mais terriveis e realiza os prodigios mais gigantescos. A caridade é a eterna e abençoada bemfeitora do genero humano; ella derrama em o nosso ser intimo um bem estar empolgante, uma consolação pura, um calor santo! E a esperanza? No scenario da vida tudo é movediço e incerto; sòmente a esperanza, talvez, é firme, porque consola até o ultimo momento, affaga até o instante estertoroso e apavorante da morte! A sua ausencia traz o desespero, mas a sua presença, que fortalece e anima, vale por um hymno vi-

brante, cujos sons fazem esquecer os soluços lastimosos do mundo e os supplicios insuperáveis da sorte...

Bemdigo, pois, o coração que no seu seio recolhe essas tres forças vivas da natureza, que, em conjunto, podem symbolisar toda a felicidade humana.

*Arimathea Tito.*

## A Imprensa



O meio da prodigiosa actividade que põe em vibrações toda a engrenagem social, a missão da imprensa

destaca-se consideravelmente como parte integrante que é deste conjuncto, na produção do seu progresso e da sua cultura.

O jornal posto em circulação é um grande livro polytypico confiado ao carinho espiritual das gerações; transfigurando-se no intuito de distribuir no seio da collectividade a que pertença, uma porção de idéas, semeando-as na ancía de vê-las em breve germinar exuberantemente, arrebatando em flôres e fructos, em forças que se personifiquem e se combinem na mais perfeita harmonia, nas mais bellas creações.

Ella deve estar, portanto, ao alcance de todas as intelligencias tratando de todos os assumptos numa differenciação de estylos, modalisados conforme as condições exigidas.

Elemento moralisador por excellencia, directamente em contacto com os cidadãos, ella deve rêflectir a emotividade popular, agitando-a e encaminhando-a intelligentemente na hora suprema da revolução, confraternisando assim num mesmo esforço todos os membros da sociedade, desde os mais humildes até os mais opulentos, para mostrar que desconhece estas fronteiras odiosas que separam brutalmente os homens em castas ou em hierarchias.

E' assim um vigoroso traço de cohesão, que equilibra as consciencias em torno de centros sympathicos, congregados num entrelaçamento de energias preciosas, como systemas planetarios nos abysmos do ether.

Evangelho de crenças e de abnegações, é a imprensa tambem o maior dos tribunaes publicos; redemptora dos opprimidos, dos que protestam debalde como uma voz perdida no meio do rugido atroador da multidão congestionada de colera, contra a prepotencia violadora da sua liberdade.

Para cumprir portanto a sua missão apostolica, ella tem necessidade de peregrinar no seio da propria sociedade, ir desde a sua periphéria até ao seu amago, onde ruge

num bramido satanico o veneno corrosivo dos crimes e dos vicios. Visitar piedosamente, para tecer em sua homenagem uma corôa de affectos, os lares onde florescem as virtudes santificadas nos mysterios do amôr. Proclamar em notas clangorosas e electrísantes, como uma *Marselheza* de paz e de concordia, a victoria do trabalho honesto, estimulando e impellindo para o convívio das idéas, para a communhão mystica das mais santas aspirações, o proletario, herôe obscuro, muitas vezes digno de apothose, quando se transfigura aureolado pela sua propria humildade, que é a maior de todas as sua honras, como um cyclope fabulôso, entre as maravilhas da mechanica, entre os apparatus aperfeiçoados da industria moderna.

A missão do jornal é ingente e illimitada mesmo porque tem de observar com a intuição dum Zola, todos os reholhos da psychologia social; detendo-se em criticas, em meditações com toda a argucia dum pensador criterioso, detestando os conceitos precipitados, procurando formular sempre sentenças dignas dum Catão.

Muralha de bronze forte e inamolgalvel, interposta entre os tyrannos façanhudos e os desamparados por suas condições economicas.

A imprensa é um grande pallium, uma flammula rubra desenrolada e palpitando ao sopro das auras perfumadas pelas suas proprias aspirações, fluido pairando, como uma porção de sonhos roseos, concretisados em forma diaphana de nuvens.

Propheta erguendo intangível, com o poder magico da palavra escripta, os povos abatidos pelo marasmo, como trechos de muralhas derrocadas de um monumento cyclopico.

Ella é uma patria intellectual, jardim sagrado onde murmuram docemente as nymphas em canções celes iaes; á seme-lhançadaquellas arvores protectoras e lendarias em cuja sombra adormeciam, numa suave consolação, os que demandavam terras longinquas, distanciando-se, cada vez mais cheios de saudade, de seu berço engrinaldado de ambições generosas.

A imprensa é uma vasta officina onde forjam-se e caldeiam-se energias e caracteres, além de tudo este poder de combatividade necessario para affrontar com altivez a lucta sombria e mináz dos que se occupam sómente, em requintes de perversidades monstruosas, em mutilar e destruir, atirando sobre os caracteres crystallinos dos homens de bem, mancheias de lôdo, apalhado no tremedal, onde se affundam em contorsões de raiva irreprimida.

*A. Simões Barbosa.*



## O Lago

*Immoto, estanque, o lago, em tranquillo abandono,  
repoisando silente, ali, na noite escura,  
recorda a quietação pacifica de um somno  
onde um grande socego intermino perdura.*

*Em cima nem um astro. E' já passado o outono.  
Nenhuma viração na mata erma murmura.  
Apenas, de onde em onde, em gracioso tono,  
ha um limpido cantar de marrecas na altura.*

*E o insonte coaxar dos sapos, e o segredo  
amoroso e febril que os vegetaes, a mêdo  
permutam da calada ao pavoroso entono,*

*e nada mais... Prosegue a negra noite enorme  
em silencio profundo e calmoroso, e dorme  
im noto, estanque, o lago, em tranquillo abandono.*

*João Pinheiro.*

*(Do—Solar dos Sonhos.)*

## PASTA MYRTIS

Excellenté desinfectante da bocca; limpa os dentes conservando o esmalte; refresca as gengivas e aromatiza o halito.

PREPARADA POR

*José R. da Fonseca.*

Deposito—Pharmacia Nova

RUA PAYSANDÚ—64

THERESINA

### Pedro Britto

ADVOGADO

Acceta causas crimes e civis perante a Justiça Federal, e advoga no crime perante a estadual.

Residencia: *Catania*

Avenida FREI SERAFIM

*Casemiras* preta e decôres SMART vende-se na «Loja Mafrense de H. Parentes & filho.

*Edmundo Genuino & Irmão.*

Variado sortimento de artigos de fantasia para presentes.

*Oliveira, Pearce & C.* têm em deposito grande sortimento de casimiras pretas e de côres dos mais lindos gostos.

**Ricos** e lindos albuns para retratos na  
LOJA MAFRENSE,  
de H. PARENTES & FILHO.

compram todos os generos de exportação, pelos melhores preços do mercado.

THERESINA—PRAÇA SARAIVÁ.  
**Oliveira, Pearce & C.**

*Mattar, Irmão & Comp.*

Completo sortimento de extracto Aglaya, Sinhá, Ideal, Jeannette, Royal cachet, Schnorita, Guerlain, Essence heliotropes, Parfum Rochane do J. Davier, Delicioso, Ausair, Violeta, Idalia, Peau Espagnol, Koyno Dhanes, Chuva de ouro. Oleo quinquina Kele surfim, gallet e Hule, Brilliantina, faro de Portugal, Pò dentrificio, Dental Pauder, Past dentrifice, Pasta de liro, Pós de arroz Eglantina, Trevol, Sinhá, Aglaya, Pó Bor Formol.

TUDO BARATISSIMO  
na *Casa Oriental*

Rua Dr. Alvaro Mendes nº 15

THERESINA

### Dr. Hygino Cunha

ADVOGADO

Rua Coronel Lysandro Nogueira 73

### Galloina Castello

PREPARADA POR

**Oscar C. Branco**

PHARMACEUTICO

Esta excellente composição applicada sobre os callos duros, tres vezes por dia, com o pincel que acompanha o vidro, amollece-os e fal-os cair. Depois do terceiro dia de uso, collocam-se os callos num pouco d'agua morna, não calçando botinas ou sapatos enquanto não se fizer a extração.

E' absolutamente indolor e não produz hemorragia.

DEPOSITO GERAL

PHARMACIA NOVA

Rua Paysandú, 64 Preço 2:000

THERESINA—PIAUHY

**Seda**

para vestidos  
—artigo CHIC

encontra-se na

LOJA MAFRENSE

de H. PARENTES & FILHO.

## Na brecha



manía da celebridade é a mais torturante das manias. Arrasta-nos. Enche-nos de terra os olhos avidos de luz. Empurra-nos para o turbilhão da vida, amargurados e quixotescos, na ancía eterna que nos atormenta. E' preciso emergir do anónimo. Ficar em destaque, com a cabeça acima da cabeça dos mediocres. E quantos esforços para isto! Um d'esses torturados foi á igreja e, sem mais cerimónias, serviu-se da pia como se serviria do seu *pot-au-chambre*. Todos são assim, mais ou menos malucos, mais ou menos ridiculos.

Um dos ultimos que tenho conhecido é o sr. Osorio Duque Estrada. Disseram-lhe que Sylvio Romero firmou creditos literarios fazendo critica iconoclasta. E elle se julgou, logo, um Sylvio Romerosinho, tallado para maiores empresas e mais vertiginosas culminancias. Não houve quem escapasse á furia cega de sua durindana. De norte a sul elle respigava nas publicações o material barato dos seus triumphos. Neophitos, marinheiros de primeira viagem, e nomes feitos, elle os passava pelo crivo do seu julgamento e espalhava aos quatro ventos o pó a que os reduzia.

Escrever, produzir, ter alguma coisa, uma obra que servisse de modelo a estes brazis, um trabalho que fechasse a bocca aos que lhe fallam em incompetencia, isto, não. E' muito prosaico e muito reles. Não escreveu. Não tem um livro. Não tem nada. E nem precisa, grande homem que já é pelos accidentes da carreira que professou.

Não o conhece o leitor? Conhece-o, como nós o conhecemos. O Osorio Duque de Estrada é aquelle que ha dois annos se metteu a fazer conferencias pelo norte e soffreu, em Pernambuco, dos estudantes, a vaia mais estrondosa de que fallam os annaes do Recife. Já era bastante para celebrar qualquer outro pobre diabo. O Osorio não se contentou. Fez litteratice contra o sr. Victor da Silveira, (ha poucos mezes) e este respondeu-lhe com uma duzia de beugaladas que, para a celebridade do nosso grande homem, valeram mais do que dois volumes, in-8, 850 paginas, de elogios.

E' atravez d'esses dois ruidosos triumphos que conhecemos o Estrada e aqui o proclamamos o critico-maximo.

E proclamando-o, felicitamos a Antonio Chaves por ter merecido os golpes iracundos do seu gladio fulminador. Si o poeta estivesse no Rio, poderia fazer-lhe os calorosos agradecimentos de Victor da Silveira. Não está. Deixe-o. O *Poema da magua*, rece-

bido elogiosamente pela imprensa de todo o pais, encontrará alguns Duques, ainda. E' a opinião dos desherdados. Não o attinge. Ria-se dos Osorios e trate de publicar seus bellissimos versos sem se incommodar com os coices dos duques de estrada.

V. S.

## Torturas

O amor, Querida, é a mais terrivel das doenças. É tanto eleva, como esmaga as nossas crenças, sem piedade e brutal tão tragico e terrivel, que enlouquece. Desejo entanto e quero o nivel attingir, do completo e eterno esquecimento da minha triste dor, do rude soffrimento. . . Minha vida era um mar tranquillo, alegre e doce. — Calma existencia? — E tão feliz como se fosse um passaro caitando em plena natureza, saudando o sol, saudando a grande realza infinita, de tudo enfim que nos rodeia. Isto que a vista nossa, assim, tanto recreia, é o começo da vida, é a nobre juventude! Procuramos fruir do gozo a plenitude, amamos sem cessar, colhe-nos mil sorrisos, e a vida é um carnaval tangido ao som de guisos, alvorada sem fim da louca mocidade, cantando hymnos de amor, gosando a liberdade. Vai ferido entretanto o nosso peito um dia, pelo indeciso amor que espera e desconfia, num momento expulsando a vida descuidada, no porvir nos mostrando, o luto, a dor e o nada. Assim, comigo, o mesmo, aconteceu Formosa. De repente acordei de um sonho cor de rosa, e deu-me a dor o travo horrivel da tortura, ao conhecer da vida, a sorte insana e dura, amando sem cessar, morrendo de desgosto, sem ver brilhar um dia, alegre, no teu rosto, o sol de uma esperanza, um termo enitivo. . . Escuta amada Flor: nem sei como ainda vivo! . . .

Eudoxio Neves.

## Peitoral das creanças



Preparado por OSCAR C. BRANCO  
PHARMACEUTICO

Prodigioso remedio contra coqueluche, bronchite, asthma, grippes, pneumonia e todas as affecções das vias respiratorias.

As creanças mais rebeldes, tomam-no com facilidade, por causa do seu cheiro e sabor agradaveis.

DOZE

Para creança de 1 á 5 annos 1 colher das de chá de 2 em 2 horas.  
« « « 6 « 12 « 1 dita das de sopa de 3 em 3 horas.

Deposito geral *Pharmacia Nova*  
Rua Paysandú, - 64 PERNAMBUCO.

## O Anel

(Traduzido do francez e para a Alvorada, por C. C.)

## I



poiado sobre a balastrada da ponte do Carrousel, o pintor Jacques Lauris sonhava, entorpecido pelo bem estar da hora crepuscular.

Seu olhar eternisava-se na contemplação do seu Paris que elle tanto amava e que prestes a adormecer envolvia-se em um alcochoado de nevoa porvilhada de luzes de ouro.

Toda a indecisa magia desse panorama, a tranquillidade um pouco melancolica do Sena cantante abaixo d'elle; a visão por vezes rapida de uma *Andorinha* delgada, azafamada, engolfando-se debaixo da ponte negra com a precipitação de uma espirituosa parisiense em atrazo para uma entrevista; toda esta vida quasi silenciosa no mysterio da sombra que subia o apertava de uma emoção muito doce que o tornava feliz de viver, de tal modo feliz que elle se julgava então muito bom e que para se convencer disso elle desejou praticar nessa mesma hora uma acção caridosa.

E não julgueis que toda essa bondade desejasse exercer-se sobre tal pessoa de preferencia a outra qualquer. Não, nessa tarde Jacques amava todo o genero humano, sobre o qual por uma miragem de orgulhosa volupia parecia-lhe pairar idealmente.

Elle quizera ser aos olhos dessa multidão que fórmigava indifferente em volta d'elle, o Iniciador, o Apostolo dessa Belleza que o fazia vibrar, o Poeta dessa pureza que só elle julgava comprehender.

Sonhava com uma conferencia gigantesca à humanidade no esquecimento das paixões mesmo do amor.

Mesmo do amor? ... Um sorriso sceptico acompanhava esse fragmento de phrase.

Jacques não acreditava no amor.

Elle não queria admittir que se pudesse viver para esse unico fim. Amar para elle, não era senão um sentimento accessorio da vida.

Elle havia amado sem duvida, mas ligeiramente, sem esperar nunca a desilluzão; alguma coisa entre o *flirt* e a ternura.

Tinha mesmo ainda muita amizade por uma pequena lavadeira que elle achou muito a seu gosto, no ultimo carnaval em que ella rainha das rainhas possueiava em Paris o seu ephemero triumpho. Mas isso era amizade, nada mais que amizade...

Mas o amor, esse não existia!

## II

De repente um longo soluço suffocado despertou-o do seu torpor. A poucos passos d'elle, sacudida pelo arranco de um violento desespero, uma mulher que elle a liviava na joven e que pelo seu andar e seu vestido modesto, pareceu-lhe ser uma operaria, fixava os olhos allucinados na agua que fugia.

As mãos crispadas no corrimão de ferro, como attraída pela vertigem de uma obsessão ella debruçava-se por instantes sobre o rio, depois atirava se bruscamente para traz offegante:

Não, não, na agua não, eu ficaria horrivel.

Emocionado por esta dôr, presentindo um drama, Jacques aproximou-se docemente da moça e quiz lhe murmurar algumas palavras de consolação.

Mas as primeiras palavras, a desgraçada voltando-se, cravou seus olhos nos olhos do artista e disparando numa risada louca ella repelliu-o com um grito: Afistai-vos, vós vos poreis com elle!

Depois antes mesmo que se podesse advinhar seu pensamento, ella precipitou-se no meio da rua, debaixo das rodas de um omnibus que chegava com grande velocidade.

Jacques saltou á frente dos cavallos e a pesada machina parou antes de attingir a desgraçada. Mas esta com o craneo fendido pela ferradura de um dos cavallos jazia desmaiada na calçada.

Houve logo ajuntamento, algumas pessoas cercavam Jacques que levantava o corpo inerte; outras começaram a apostrofar rigorosamente o cocheiro, já mais morto do que vivo, bengalas agitaram-se, estenderam-se punhos, enquanto que em cima os seus viajantes da imperial replicavam como pessoas que não tem tempo á perder.

Enfim um agente de segurança appareceu. Informou-se do que se tinha passado; depois da breve narração de Jacques que julgava um suicidio, elle tomou o nome do cocheiro, o numero da caruagem, interrogou outras testemunhas e enfim diante da insistencia de Lauris para cuidar da doente, consentiu que a levassem á uma pharmacia.

Estendida num colchão sob a luz crua do gaz, a môça pallida, os labios sem côr, parecia morta. No entanto debaixo do effeito de um reactivo, ella abriu os olhos deixando escapar alguns gemidos surdos. Então sem olhar voltou-se para Jacques. Um minuto ella pareceu não soffrer mais, com um resto de pensamento dirigido a elle.

Depois com um supremo esforço, apresentando-lhe sua minuscula mão pallida, com uma voz apenas perceptivel, em um sópro, ella disse-lhe mostrando-lhe o unico anel que trazia no pequeno dedo:

Dal-o-cis... á noiva pobre... a quem elle servir... e que ella seja feliz!...

A cabeça rolou ainda um instante sobre o colchão, um estertor sahiu da bocca crispada, depois um sobresalto, e ella ficou immovel. E enquanto os homens de chapeu na mão quedavam pensativos e mulheres paradas ahi em busca de emoções deram algumas lagrimas, Jacques Lauris cumprindo o ultimo desejo da morta, tirava-lhe o anel da mão já fria e fugia para não ver a manipulação do cadaver sobre a padiola que devia transportal-o á Mergue.

## III

Entrando em sua casa, no atelier vasto e muito alegre onde a sua futura gloria já se delineava, Jacques para não estar só com a muito recente impressão de pesadelo que elle experimentava ainda, tomou um candieiro e accendeu-o. Depois pousou-o sobre a meza dos dezenhos, já muito atravancada de tudo que era preciso para não desenharem: romances, objectos de toilette, cigarros, cartas de mulher, &c.

Depois do que encarapitado num tamborete, elle tirou do seu bolso o minusculo objecto que elle tinha aceitado para ser provisoriamente o herdeiro e examinou-o sob a aureola de luz que cahia do abat-jour amarello.

Era um anel muito simples; um delgado anelinho de ouro no qual tinha-se introduzido a gotta de sangue de um rubi. O que o caracterisava era a sua extrema e dignidade.

Não era uma joia de mulher era uma lembrança de criança, seria preciso ãa mão extraordinariamente delicada para envergarem este pequenino adorno e elle comprehendeu então porque essa que o havia possuido dissera:

... a noiva pobre a quem elle servir. E veio-lhe de repente uma curiosidade de conhecer a mimosa boneca que elle tinha a missão de descobrir; e logo a sua imaginação de artista mostrou-lha tão adoravelmente fina, risonha e maliciosamente loura (elle adorava as louras) que elle julgou-se enfim capaz de amar realmente e, qual novo príncipe Bello, prometteu a si mesmo (si a deita-lhe servir o anel) ser o noivo desta modesta Berrallina.

Algumas pancadas discretas dadas á sua porta, interromperam esta andaluzia de sonhos.

Uma cabeça passou na entre-abertura emquanto uma voz fresca perguntava:

—Pode-se entrar, senhor pintor?

—Certamente, louquinha, respondeu o moço, desde que a vossa face alegrou a minha solidão, é inútil deixar o resto na escada.

O «resto» entrou pois sob a forma de uma miniatura de mulher trazendo um cesto de roupa maior que ella.

Depois de ter tomado folego, ella tratou inoportunamente de retirar da cesta de vime que rangia, as camizas, lenços e os collarinhos que ella pousou delicadamente no sofá.

Fazendo isso, ella falava com volubilidade do máo tempo, do ultimo drama de amor do desfilar de carnaval, onde ella tinha reinado sobre as boas amigas, loucas de ciúme, Jacques pensativo ouvia-a vendo-a trabalhar, com um meio sorriso nos olhos.

Não havia duvida que elle se interessava muito (muito sem disto se aperceber) por essa redução de lavadeira.

Seus gestos miudos, bonitos que borboleavam na luz, essa garrulice inexgotavel e doída que semeava alegria em sua atmosphera de sonho; seus olhos encantadores e encantados que tão bem sabiam vêr, sem nunca se deixar ler; essa radiosa mocidade feita de graça ingenua o encantavam a tal ponto que elle esperava sempre a sua appareição com uma inconsciente impaciencia.

Então elle conheceu que o seu bello scepticismo o abandonava.

Não era impossivel que o amor existisse. E recordando o desespero dessa que acabava de morrer, comprehendea que não se devia zombar desse sentimento.

Perto dell: entretanto a moça olhava as estampas. Uma ideia germinou no cerebro do pintor, ligando-se aos acontecimentos passados.

Docemente, elle atalhou para a luz essa encantadora cabeça, olhou-a, admirou-se um instante depois com uma voz acariciadora, molhada de ternura, numa voz amorosa, disse-lhe:

E's noiva, minha linda?

Aturdida por esta pergunta imprevista a «linda» não respondeu logo, mais uma onda de purpura aqueceu um minuto, seu bello rosto radiante.

No entanto ella voltou a si de repente e, com uma tristeza:

—Eu não sou ainda bastante rica, balbuciou, para ser noiva.

Jacques havia apanhado o anel de ciria da mesa; delicadamente entre o polegar e o indice elle o tinha suspenso sob os olhos da creança.

—Dê-me a sua mão, disse elle.

Ella offereceu a pequenina mão, a mão procurada.

O anel deslizou sosinho no pequeno dêdo.

Jacques não dizia mais nada.

Seu coração batia loucamente enquanto elle conservava na sua a mão da sua loura amiga.

Ella tremia, não ousando olhal-o.

Ao cabo de um instante, elle murmurou:

—Si eu vos pedisse que me amasse um pouco, poderie's vós?

Ella abriu a bocca para responder, mas foi uma lagrima que cahiu como um brilho de diamante muito perto do rubi.

E nesta lagrima silenciosa, Jacques pondeu a pequena seria feliz como a outra a tml a desejado.

#### IV

Tres mezes depois um carro parava diante do cem terio de Mont-martre.

Jacques deseceu primeiro, depois offereceu a mão a sua mulher, ainda vestida, sob uma capa de viagem, com o branco vestido das esposadas.

Ambos dirigiram-se para uma sepultura muito humilde, mas occulta debaixo de um montão de flôres cortadas de fresco.

Por muito tempo elles oraram...

Depois seus olhares se tendo encontrado por um pensamento commum, diante daquella que ali repousava para a eternidade e que deveria sentir-se feliz por vêr seu voto attendido, não temeram trocar piedosamente, seus primeiros beijos de amor.

Louis — Pr. ne Gasnier.

# Oliveira, Pearce & C.

Agentes das Companhas de Cervejas

Antarctica, de S. Paulo

e Brahma do Rio de Janeiro.

THERESINA—PIAUHY.

Edmundo Genuino & Irmão

Artigos para homens,

senhoras e crianças.

Grande sortimento de C. a 25 e Calçados.

## Morta

Não creias para nós tudo acabou no instante  
Em que sentiu teu beijo a luz de minha mão...

Oh! a saudade, poeta, é uma resurreição!

*Alberto de Oliveira.*

Beijando o seu retrato, eu repetia:—Numa  
Anciã quasi mortal que inda o meu peito fere,  
O que junto ao teu leito alvíssimo de espuma,  
Jurei, si cumpri ou não, que tudo te assevere...

Tudo!—as aves, a brisa, a Natureza, em summa,  
Pois que meu coração assim te amar prefere,  
Anjo, cuja lembrança a minha alma perfuma  
E dá vida a este amor que vive em *miserere*.

Tão linda! Este retrato, ò minha doce morta,  
Vivendo a sós comigo, em sonhos me transporta  
Ao céu que nos unia á sombra de outras eras...

Vendo-o, relembro o dia em que te foste embora,  
Rochando a aza subtil pelo crystal da aurora,  
Atraz de outras regiões de onde talvez me esperas!

Quando insensivelmente abre-se a minha porta  
É subito em meu quarto um clarão apparece,  
E eu vejo então surgir o phantasma da morta,  
Tendo por sobre a fronte uma aureola de prece...

E fala-me:—«Porque choras assim? Que importa  
O corpo que sem vida á sepultura desce? . . .  
O amor dá vida e anima, a saudade conforta,  
E' por elles que a ti minha alma reaparece!

Porque choras? responde! Oh! tens razão... deploras  
A ternura, a innocencia, a belleza querida  
Dessa, por cuja ausencia amargamente choras!

Adeus! Cresce em teu seio esta afeição creteta...  
A Morte—aza fatal que nos separa a vida—  
Cada vez mais uniu as nossas almas, poeta!

E pallido partiu. Após a sua ausencia,  
Minha alma que gemia, os olhos que choravam,  
Sentiram de repente uma nova existencia,  
Bemidizando o gemido e os prantos que rolavam.

Lembro-a! Ella era a propria imagem da innocencia!  
Ah! como, entre illusões, meus labios a beijavam!  
Visão em cujo olhar eu via a refulgencia  
De um astro, e em cuja voz meus sonhos se enramavam.

Mas, um dia, morreu. «Nunca mais hei de vel-a  
(Eu disse), nunca mais!» Emtanto, tristemente,  
Vejo-a sempre no olhar da nossa boa estrella...

E ha pouco, á luz que vem dos mysticos espaços,  
Tremi, vendo-a de pé, encantadoramente,  
Aqui, onde inda sinto o rumor dos seus passos.

*Antonio Chaves.*

## PHOTOGRAPHIA

## Norte do Brazil

DE

## Rikeiro Moura &amp; Martins

*Trabalhos modernos e garantidos*

*Retratos em todos os tamanhos*

Especialidades em platinotypia, reproduções, ampliações, &c.

## HORARIO

O atelier de pose acha-se a disposição do publico therezinense de 9 da manhã ás 3 horas da tarde.

CASA MATRIZ:—Rua Formosa, 134—Ceará.

## A festa da Estimulo

A sessão solenne com que a Estimulo Caixeiral festejou o seu XIV anniversario de proveitosa e benefica existencia, realizada no predio da mesma sociedade, ás 7 horas da noite do dia 1.º do corrente, satisfez sinceramente a todos os que lá estiveram, porque revestiu-se de uma simplicidade extraordinaria, e as coisas simples são sempre agradaveis.

O sr. Joel d'Oliveira, 1.º secretario servindo de presidente, declarando aberta a sessão, mandou que o 2.º secretario interino—Antonio Julio Monteiro—fizesse a leitura da acta da sessão que commemorou a mesma data no anno de 1908. Depois de approvada sem um protesto a referida acta, o sr. Joel d'Oliveira levantou-se e, em rapidas palavras, expôz o movimento interno da sociedade, apontando os grandes beneficios que a mesma prestou a muitos dos seus associados, em casos previstos pelos estatutos; e, pamenteando o saldo restante das importancias arrecadadas e das despesas feitas, tudo durante o anno social findo, terminou dizendo que se ia effectuar a eleição para o cargo de vice-presidente que se achava vago.

Feita esta, foi eleito o sr. Joaquim Virgilio dos Santos que immediatamente apossou-se do logar.

Concedendo, apòs, a palavra ao socio Zito Baptista—orador official—este, depois de um bonito discurso, terminou louvando a modestia em que a Estimulo tem vivido nesses ultimos annos, procurando tão somente ser util o quanto possa aos que della têm a felicidade de fazer parte.

Em seguida falou o Dr. Valdivino Tito que, num bellissimo improviso e com aquella elegancia no dizer que lhe é propria, saudou a Estimulo em nome da respeitave

Loja Caridade 2.<sup>a</sup> que era representada alli por elle e mais dois irmãos—dr. João Pinheiro e coronel João Antonio de Vasconcellos. Falaram ainda: B. Lemos, em seu nome e noda *Gazeta*; nosso distinctocompanheiro Jonathas Baptista, representando a *Alvorada*; e o Sr, Luiz e Silva, pelo *O Norte*,

Zito Baptista, usando ainda da palavra, agradeceu às sociedades que se fizeram representar, sendo em seguida encerrada a sessão. Terminada a distribuição de optimas bebidas, todos os socios concordaram em ir deixar o novo vice-

presidente—Joaquim Virgilio dos Santos—até à casa de sua residencia o que se fez na maior alegria, acompanhados da banda militar de Policia.

A *Alvorada* mais uma vez dà parabens aos promotores da festa tão simples e tão bôa de que viemos falando, fazendo ver que é preciso que junto aos socios que fazem da Estimulo Caixeiral uma organisação de estructura superior pelos fins a que se destina, trabalhem assiduamente a actividade e o querer de muitos outros socios de espiritos igualmente sinceros e devotados.

## TRAÇOS & LINHAS

### Caricaturas

II

E' noivo—elle mesmo já communicou aos amigos e sente-se feiz em dizer que brevemente estará no rôl dos papéis queimados.

Inimigo das imbecilidades literarias, tem, ás vezes, taes franquezas para com os pobres de espirito que se tornam um tanto aggressivas e inconvenientes.

Fez o primeiro anno de direito e prepara-se para fazer o segundo; mas como não leva nada a serio, os bacharéis, principalmente os pedantes, são sempre as victimas das suas pilherias e dos seus motejos.

Andou, há tempos, pelo Amazonas, onde ganhou e gastou alguns cobres, mas ultimamente desempenha entre nós o elevado cargo de *lavar urubús*. E, a proposito, disse-me elle um dia desses, muito convictamente:—«E' o diabo, seu collega. O bicho não alveja, nem a cacete. Es:ou cançado. . .»

Tem verdadeira inclinação para bohemio, mas ultimamente tem andado bastante retrahido. Bom flautista, educa mais o ouvido do que estuda a serio a divina arte Wagner.

Com as moças usa sempre de uma ironia terrivel, o que não o impedia de ser noivo de uma menina meiga e formosa, mas que, infelizmente para elle, não reside em Therésina.

Antes de contractar casamento, todas as vezes que se tratava de ãa moça pobre, embora bonita, tinha sempre o mesmo estribilho:

«Menina sem arame»,  
«Vá rodando—não me ame».

E' um dos mais queridos amigos da *Alvorada* que vê nelle um apreciador e um defensor, em qualquer tempo.

Em todo cas

E' dos Pedros da terra o Pedro mais safado, E, por causa do pai, chrismaram-lhe—Pedrinho. Por isso, é muito certo aquelle chão ditado Que diz—do grande peixe, o filho é bem peixinho...

Joanpecelzi.

Amava Yayà seu priiro  
Rapaz de character nobre,  
Porem que tinha um defeito  
Dizia-lhe o pae—ser pobre.

Este que nunca sentira  
Amor sinão ao dinheiro,  
Unio a moça a um caipira,  
Um bruto, mas fazendeiro.

Na noite do casamento  
Sonhando que o seu querido  
Lhe beija, diz com accento:

—Ah! meu Totó, como te amo!  
Ouvindo, diz-lhe o marido:  
—*Polycarpo—é qu'cu se chamo.*

Ext.



\*\*\*

### Villancete

Faz-se o homem mulher, rapando a cara,  
A mulher veste fraque e não desmaia...  
A moda, sem cançar, segue e não para  
—Dispo a *calça* enfadonha e visto a saia.

### Volta

Nesses tempos de tanta novidade,  
A moda tudo inventa e tudo aclara...  
Para ter mais valor, mais mocidade,  
«Faz-se o homem mulher, rapando a cara.

Para ser mais faceira e mais formosa,  
(Vêde-a que passa e se'n tardar fitai-a)  
Na festa mais correcta e mais pômposa,  
«A mulher veste fraque e não desmaia...»

Tudo muda renova e vai marchando  
De uma forma espantosa e muito rara;  
Quem fôr pôdre se quebre ou vá ficando...  
«A moda, sem cançar, segue e não para.

Bato palmas de alegre, estou contente,  
Pois sem mêdo de um *trole* ou de uma vai,  
Muito em breve, Jesus! que terra quente!  
Dispo a *calça* enfadonha e visto a saia.

Apollo.

## Ao Duque-Estrada

Ora, meu caro Osorio Duque-Estrada,  
Figuremos que eu lhe n o conhecesse  
O talento e o saber; e, empavesada,  
Um bell dia, enfim, n e apparecesse

Uma obra qualquer prefaciada  
Por você; figuremos... E eu sobesse...  
(Mas que vale uma surra bem puxada,  
Finalmente, se a marca não apparece?)

Naturalmente, assim me expressaria:  
—Mas quem será esse senhor Osorio  
Que precisa de ser prefaciado?

E eu mesmo, sem saber, responderia:  
—O tal sujeito, affirmo e è bem notorio,  
E' simplesmente um desqualificado.

Entanto assim fazendo, ouviu, senhor?...  
Só por você me ser desconhecido,  
Seria certo uma descortesia  
Minha, ou por outra um mau juizo, visto  
Eu não ter o poder que teve Christo...  
Assim, pois, fez você! Quem prefacia  
O Poema da Magua (já bem lido,

Porque nelle se encontra algum valor),  
Tem saber e talento, e, talvez, mais  
Do que você que faz e nada faz.

X

## Deixa...

Ora que coisa! ella ve'o  
Do Pará, onde estivera  
Uns dois annos; e onde, eu creio,  
Viveu qual nunca vivera

Bem sabes que lá o meio,  
Onde a opulencia crescerá,  
E' differente, está cheio  
Da Moda que allí nascera

Quererás dar-lhe uma vaia?  
—Que importa que ella suspenda  
Mais do que as outras a saia?

E' indecente, é um abuso?  
—Mas, creatura, comprehenda:  
«Cada terra tem seu uso.»

A

# Secção Elegante

## A moda

(Da «A Illustração Brasileira»)

Já conhecem a mousse de velludo? Disponham, sobre mousseline de seda, bem fina, bem lisa e um pouco espessa, grandes flôres de sêda com relevos brilhantes... eis o que se chama mousse de velludo.

E' uma cousa encantadora; era de certo com esse tecido que Fitania se vestia. E o cumulo é que esse panno, de apparencia feerica, aerea, é tão forte como os setins ligeiros, que formavam o thema habitual do vestuario de baile.

Nessas condições não admira que a mousse fosse oloptada com enthusiasmo.

Força é confessar, aliás, que os vestuarios de cerimonia—recepção ou teatro—são actualmente de uma belleza idêa' e de uma elegancia adoravel. A tunica Edade Media, os apanhados, que nem sempre dão bom resultado nos vestuarios para passeio, feitos com tecidos mais ou menos pesaços, produzem nos vestidos de tecidos finos e vaporosos effeitos encantadores.

Se vissem um vestido de mousse de velludo tal como acabo de descrever, sobre uma saia de mousseline de sé la lisa, mas feita em plissés!... E' um primor.

Tambem dão lindo effeito as tulles bordadas ou palhetadas.

Merece igualmente menção o vestido simples mas muito curto, cujo modelo vai impresso neste numero. E' um vestido de recepção intima. O tecido é charmeuse cravoroseo; a charmeuse não é positivamente setim e não é tambem crêpe da China. E' uma variante intermediaria. Tem do setim o brilho, do crêpe a finura; quanto à côr, a cravorosea é a que fica melhor na charmeuse.

O modelo de que tratamos tem um pequeno bolero bordado a sêda do mesmo tom e realça lo com ligeiras palhetas de ouro.

Para vestido de rua recommendo-lhes a sobrecasaca de tulle epervier, grossa tulle de malhas quadradas, como *chic* e muito pratica.

Circula-se essa sobrecasaca com renda mais ou menos fina e, sobre um vestido á princeza, de liberty, de voile ou de mousseline de sêda, nada ha mais elegante.

Neste genero, o vestido branco, de que tambem publicamos o modelo, é uma verdadeira maravilha. Infelizmente só se pode realizar por alto preço:—soutache fino, que o garante, é um trabalho que só pode ser executado inteiramente a mão e por bordadora especial, de impeceavel habiidade.

As mangas usam-se—a não ser para vestuarios de bailes—sempre longas, bastante longas e batidas; os decotes fazem-se quadrados—isto é de um côrte muito difficil de obter com bom resultado, porque é a um tempo audacioso e casto.

Mas quando bem feitos são dos mais bonitos.

Se chegamos aos multiplos detalhes, que são de grande importancia no vestuario de baile, veremos que é agora regra obrigaatoria usar o sapato de accordo com o vestido.

De setim ou de fino cheweau bordado com perlas do mesmo tom, os sapatos devem ser da côr do vestido.

Mesmo os lindos sapatinhos de tela de ouro ou tela prata, usados ultimamente, foram renegados para o segundo plano; considerados menos *chics*.

Esta é a moda lançada pelas atrizes e de que lhes falei no numero anterior.

As meias—já se sabe—não podem ser de outra cor e devem ser, al m de muito finas, abertas em bordalos.

Os penteados mudaram pouco: continua em voga a grande madeixa enrolada em torno da cabeça, esmagando sem piedade os finos frisados, que deveriam aureolar o rosto.

Isso dá à physionomia das moças um caracter de dureza e, por isso, ellas se insurgem contra a

moda, preferindo voltar aos classicos bandôs ondulados á Jane Aarding.

Annuncia-se tambem a volta do gracioso penteado á Luiz XV, erguido sobre a nuca.

Eu o desejo, mas, para ser sincera, devo confessar que vi poucos d'esses penteados, nas ultimas corridas e nas primeiras representações mais recentes.

Tenho as mesmas observações a fazer sobre a annunciada volta dos chapêus á Luiz XV e á Luiz XVI. Vi a e agora duas ou tres... em manequins, mas a generalidade das senhoras continúa a uzar os immensos chapêus muito erguidos de um lado ou os pequeninos chapêus *cloches*, muito enterados na cabeça, cobrindo os cabellos, muito bonitos.

A novidade de grande exito nestes ultimos dias é o grande nó de rendas como unica guarnição para esses chapêus.

Os mantos são de um luxo colossal, louco, e, para que me acreditem, basta descrever este: de liberty extra leve, côr de luar, que tem a preciosa vantagem de ficar bem em todas as toilettes. As costas e as mangas são cobertas com uma larga banda de tulle epervier, bordada; ou antes, com incrustações de entremeio de nacar irisado, de um efeito idéal.

Na frente, este manto é apauhadado sobre o hombro esquerdo.

Fallo, é claro, de um manto para a noite. Os mantos para usar durante o dia distinguem-se, ao contrario, por uma extrema simplicidade.

O grande *chic* é o manto liberty preto, sem nenhum ornamento.

*Marie Anne L'Ancieux.*

#### NOTAS

Em chapêus *cloches* que continuam e imperar, a ultima novidade é a palha em *plissé* com fitas de velludo passado de travéz. Teve grande exito mas um pouco ephemero o toque de cerejas, que apparece todos os annos, mais cedo logo o lugar a outros ornatos. Aliás, as fructas estão muito em moda como guarnição para chapêus—apparecem muitos chapêus ornados com rainhas—Claudia, *abricots*, *paumes d'apie* uvas. Tambem querem lançar a moda dos legumes e algumas elegantes arvoraram *cloches* com uma guarnição de tomates, mas isso me parece supinamente ridiculo.

## Festa infantil

Assistimos, domingo ultimo, em casa da exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> d. Vitinha Oliveira, a um bem organizado espectáculo de creanças. Foi uma festa interessante e que deixou em todos os convivas gratas recordações. O infantil club «14 de dezembro» completou com o ultimo espectáculo a sua quarta funcção e prepara se para muitas outras. O theatro é hoje um meio de educar as creanças e estimular nellas os nobres sentimentos de uma fórma agradável e recreativa, e assim é que em todos os bons collegios as representações são frequentes.

«Alvorada», pois, envia as gentis ama Loras, bem como á intelligente directora, do «24 de dezembro», senhorita Clotilde Oliveira, muitos parabens e muitos applausos.

## No album de uma gentil senhorita

(Reproduzido por ter sahido incorrecto)

Curae sempre de vossa intelligencia e jamais vos encontrareis em tamanha difficuldade como a que ora se me amofina.

Pobre do mim!

Que posso escrever neste delicado e elegante album, onde, á semilhança de um lindo ramalhete de flores preciosas, se affirmar em toda sua plenitude bellas expressões literarias, formando um encantador concerto de primorosas produções?

A mente se me perturba, desfallece, presa de receio de um tal empreendimento.

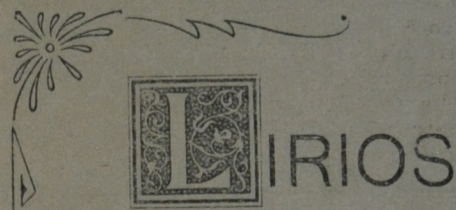
Onde buscar uma creação que aqui se possa alliar, imagem que aqui se adapte, condizendo com a magia esthetica, o perfeito colorido das phrases?...

Mas é necessario qua em toda harmonia exista uma nota dissonante para mais realçar as outras, que suave e docemente se completam?...

Si assim é, não serei eu quem a recuse, e eila sob a fórma de um mal arranjado pensamento:

A intelligencia fecunda e cultivada, tendo por pharol a idéa, por lemme uma penna, e eila sob a fórma de um mal arranjado pensamento: A intelligencia fecunda e cultivada, tendo por pharol a idéa, por lemme uma penna, é o seguro barco, que, navegando por sobre a linha recta do oceano—papel, nos conduz triumphante, ao porto ambicionado da immortalidade.

*Leoncio do Rego.*



Anniversariou-se, no dia 4 deste mez, sendo por esse motivo, muito cumprimentado pelo seus amigos e admiradores, o nosso estimado collaborador, dr. Eudoxio Neves.

Tambem completou annos, no dia 7 do mez corrente, o brilhante jornalista piauihyense, dr. Clodoaldo Freitas, actualmente em S. Luiz do Maranhão.

Celso Pinheiro, em um feliz improviso, em casa do mestre e amigo dr. Hygino Cunha, por occasião da passeiata dos estudantes, em honra á Independencia do Brasil, lembrou o feliz acontecimento, fazendo ver, assim, que á data da nossa emancipação politica junta-se mais esse facto importantissimo para os que admiram a illustração, o character e o talento de Clodoaldo Freitas, predicados que o collocam em o numero dos mais queridos filhos do Piauihy.

«Alvorada», por esse motivo, envia muitos parabens á tão distincto collaborador.

Completou annos no dia 13 deste mez, por cujo motivo foi bastante cumprimentada pelas suas amigas, a exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> d. Isaura Velloso, querida e virtuosa esposa do nosso bom e distincto amigo tenenté-coronel Antonio Augusto de Castro Velloso.

«Alvorada», respeitosamente, envia á anniversariada muitos parabens.

Anniversariou-se hoje o nosso distincto amigo, dr. Mathias Olympio, um dos mais fulgurantes talentos do Piauihy, entre os novos intellectuaes do nosso meio

Muitos parabens.

Zito Baptista, o nosso talentoso e querido companheiro de redacção, terá amanhã, 16 de setembro o seu feliz anniversario.

Nós os da «Alvorada» que tanto lhe sabemos admirar a intelligencia privilegiada e a bondade do seu terno coração, antecipadamente levamos-lhe o nosso abraço de irmãos em luctas e ideas.

**CARTÕES** em branco — para visita e participios recebeu a  
LOJA MAFRENSE

## NOTAS

Gazeta

O nosso talentoso patricio e collaborador, dr. Clodoaldo Freitas, em intima e amistososa carta, dirigio ao nosso companheiro Antonio Chaves, e illogiosas e sinceras palavras pelos triumphos que acaba de obter com a publicação do seu magnifico livro—*Poema da Magua*, e promette fazer, brevemente, uma apreciação sobre o mesmo livro, abrangendo, nessa occasião, o movimento literario do Piahy.



O nosso distincto amigo José R. Fonseca, teve a fineza de nos offerecer um vidro da *Callina Castello*, excellente remedio para cura de callos, preparado na *Pharmacia Nova* desta capital



Para União, em viagem de recreio, seguiu hontem em companhia de sua exm.<sup>a</sup> senhora, o nosso distincto amigo e collaborador dr. João Pinheiro.

*Alvorada* deseja-lhe optima viagem e prospero regresso.



Viajou, para o interior do Estado, o nosso amigo coronel Laurindo Campello, activo e zeloso chefe da repartição arrecadadora do estado.



### GARANTIA MUTUA

Recêbemos comunicação desta importante sociedade de auxilios mutuos, dando o resultado da eleição para os novos directores, procedido no dia 7 daste mez.

Gratos, desejamos-lhes muitas prosperidades.



### HARMONIA THERESINENSE

Fez o seu 29.<sup>o</sup> anno de existencia, no dia 8 do corrente mez esta beneficente sociedade, por cujo motivo realizou no «Paço Municipal» uma bem concorrida sessão solemne.

Foi orader official o dr. Hygino Cunha, fazendo-se tambem representar na agradavel festa *Alvorada* e a nossa brilhante collega *Gazeta*.



Acceitou a incumbencia de representar *Alvorada*, em Caxias, o nosso distincto e intelligente amigo Oscar Argollo, a quem já devemos, assim, inumeros servicos.

Completoou o seu 5.<sup>o</sup> anno de util e proveitosa existentencia, no dia 10 deste mez, esta nossa distincta e brilhante collega de cuja relação e direcção é encarregado B. Lemos, espirito superior e sempre infatigavel nas lides jornalisticas de nossa terra.

*Alvorada* envia parabens á «Gazeta» bem como ao seu competente director,



Da Bahia, onde acaba de formar-se em direito, acha-se entre nós o nosso intelligente conterraneo dr. Raymundo Campos.



Realizou-se em a noite de 7 deste, data da Independencia do Brasil, promovida pelos alumnos do 1.<sup>o</sup> 2.<sup>o</sup> 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> anno do «Lyceu Piahyense», esplendida e concorrida marcha *aux-flambeaux* que percorreu diversas ruas da nossa cidade, parando em frente ao palacio do governo, em casa de residencia dos lentes e director do Lyceu, nas redacções dos jornaes, no seminario e no palacio do sr. Bispo. Ouvimos os seguintes discursos, durante o tempo que acompanhámos a imponente paseiata: Dr. Hygino Cunha, Celso Pinheiro, dr. Abdias Neves, Pedro Borges, Padre Barreto, reitor do seminario, B. Lemos, pela «Gazeta», D. Joaquim de Almeida e Padre Amancio Ramalho, no seminario, Padre A. Fegado, pelo «O Apostolo» Jonathas Baptista em frente ao quartel de Policia e na redacção do «Piahy», Antonio Chaves e Zito Baptista, pela *Alvorada*, Constantino, Baptista, pelo «Ideal» e Polydoro de Abreu e João Neves, pelo «Aspirante».

Nós, os que vemos e assistimos constantemente o desprezo e a indiferença com que se relembram as grandes datas do Brasil, entre nós, só temos motivos para applaudir entusiasticamente a idéa que tiveram os promotores de tão imponente festa.



Passaram a fazer parte do nosso corpo de collaboração, o que vale por mais uma brilhante conquista da *Alvorada*, os nossos illustrados patricios Major Manoel Lopes Correia Lima, dr. Luiz Carvalho e academicos A. Simões Barbosa e Edison Cunha.

Aos nossos leitores levamos satisfeitos tão agradavel noticia.



Em Paris, onde se achava á procura de recursos para a sua saude, gravemente compromettida, acaba de fallecer o doce poeta das *Horas Mortas*, Guimarães Passos.

Em o nosso proximo n.<sup>o</sup> nos occuparemos, mais circumstanciadamente, da individualidade do illustre morto.